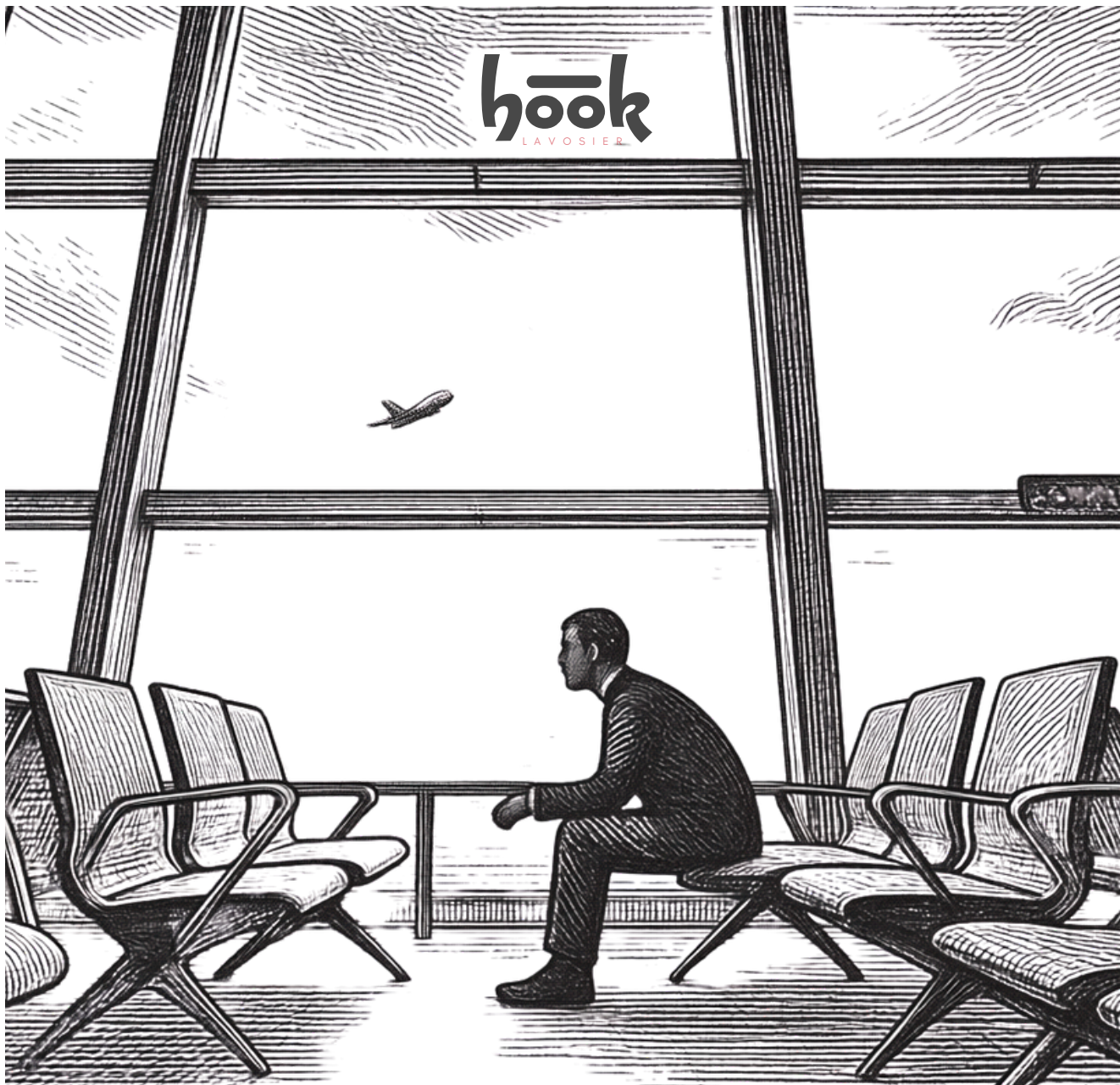


hook
LAVOSIER



CHECK-IN EMOCIONAL

de Lavosier

Nem todo destino é lar

Prólogo – Antes do Embarque

Eu nunca achei que uma viagem pudesse mudar tanta coisa.

Pra mim, viajar sempre foi sobre ir... conhecer... e voltar.

Nada além disso.

Lugares vêm e vão. Pessoas também.

E, no fim, tudo vira lembrança.

Pelo menos... era assim que eu pensava.

Até que, sem muito aviso, eu escolhi um destino diferente.

Não estava nos meus planos.

Não fazia parte de nenhuma rota que eu tinha traçado.

Mas, ainda assim... eu fui.

No começo, parecia só mais uma viagem.

Nada que eu não pudesse viver... e depois deixar pra trás.

Mas algumas viagens não seguem esse roteiro.

Algumas começam simples... e, quando tu percebe... já mudaram completamente o teu caminho.

E o problema nunca é ir.

O problema é quando tu encontra um lugar que faz você querer ficar.

Porque, quando isso acontece... voltar nunca é tão simples quanto partir.

Capítulo 1 – O Convite

Eu não estava procurando uma viagem.

Na verdade... eu já estava acostumado a ficar no mesmo lugar. Seguro. Previsível.

Era mais fácil assim. Sem grandes expectativas... sem grandes decepções.

Eu já sabia como meus dias começavam, como terminavam, o que esperar e o que evitar.

E, por mais que não fosse incrível... também não doía.

Até que, por acaso... apareceu um destino.

Não veio com aviso. Não veio com planejamento.

Só apareceu.

E o mais estranho é que... eu nem precisei pensar muito pra decidir ir.

Não foi uma decisão lógica.

Foi aquele tipo de escolha que agente faz sem perceber... quando o coração vai antes da mente.

No começo, parecia só algo simples.

Uma conversa aqui... outra ali...

Risadas que surgiam do nada.

Uma conexão leve.

Mas, com o tempo, aquele destino começou a parecer... diferente.

Não era só mais um lugar.

Tinha algo ali que fazia eu querer voltar.

Todo dia.

Sem esforço. Sem obrigação.

Era natural.

E talvez tenha sido exatamente isso que me fez ir mais longe do que eu imaginava.

Porque quando algo parece fácil demais... agente baixa a guarda.

E foi isso que eu fiz.

Eu fui ficando.

Conhecendo cada detalhe... cada canto... cada sensação.

E sem perceber... aquele destino que era só uma parada passageira... começou a parecer um lugar onde eu poderia ficar.

Não por um tempo.

Mas por muito tempo. Talvez... pra sempre.

E foi aí que a viagem deixou de ser só uma experiência... e começou a se tornar uma possibilidade.

Capítulo 2 – A Conexão

No começo, eu não percebi.

Pra mim, ainda era só uma viagem comum.

Um lugar novo... interessante... mas que, teoricamente, não mudaria muita coisa.

Só que mudou.

Aos poucos... sem pressa... sem aviso.

Eu comecei a me sentir diferente quando estava ali.

Como se o tempo funcionasse de outro jeito.

As horas passavam mais devagar... mas, ao mesmo tempo, pareciam curtas demais.

Era estranho.

Mas era bom.

Muito bom.

Conversas que antes seriam só comuns... começaram a ter significado.

Silêncios deixaram de ser vazios... e passaram a ser confortáveis.

Não precisava forçar nada.

Não precisava pensar no que dizer.

Simplesmente fluía.

E quando algo flui assim... a gente começa a acreditar que é especial.

E talvez fosse mesmo.

Eu comecei a perceber detalhes que antes eu ignoraria.

O jeito de falar... o jeito de pensar... as pequenas reações...

Tudo parecia encaixar de um jeito que não era comum.

Não era só sobre estar naquele lugar.

Era sobre como eu me sentia estando ali.

Leve. Presente.

Como se, pela primeira vez em muito tempo... eu não estivesse tentando ser nada.

Eu só era.

E isso foi me puxando cada vez mais pra dentro.

Eu já não visitava mais aquele destino... eu estava começando a viver nele.

E foi aí que tudo começou a mudar de verdade.

Porque quando a gente deixa de ser visitante... a gente começa a criar raízes.

Escrever raízes em um lugar que não é nosso... sempre tem um preço.

Capítulo 3 – O Apego

Eudemoreipraperceberquenãoeerasóeu.

Nocomeço,pareciaqueeuestavaindomais fundo sozinho.

Sentindomais...pensandomais...meenvolvendo mais.

Mas,comotempo...algumascoisascomeçaram a mostrar o contrário.

Não eram grandes declarações.

Nem precisava ser.

Eram detalhes.

Pequenossinaisque,praquemprestaatenção... dizem muito.

Um cuidado diferente.

Umapresençaquenãoeerasócostume...era escolha.

Umjeitodefalarquenãoeeramaissuperficial.

E,àsvezes...umaemoçãoqueescapavasem querer.

Comoquemsentemaisdoqueplanejavasentir.

Foi aí que eu entendi:

Aquela viagem não era só minha.

Tinhaalguémali...vivendoaquilocomigo.

Etalvezissotenhasidoquemaismefez ficar.

Porquequandoosentimentoésódeumlado... a gente ainda consegue ir e mb or a.

Masquandoparecequeédosdois...agente começa a acreditar que pode dar certo.

E acreditar muda tudo.

Eujãoviamaisaquilocomoumlugartemporário.

Eucomeceiavercomoalgoquepoderiacontinuar.

Que talvez tivesse futuro.

Quetalveznãofossesómaisumaparadana minha vida.

Eissofoimepuxando...nãosópelasensação... mas pela possibilidade.

Porqueoapegonãonascesódoqueagente sente.

Elenascedoqueagenteacreditaqueaquilo pode se tornar.

E, naquele momento... eu não estava mais só vivendo uma viagem.

Eu estava começando a imaginar ficar.

Capítulo 4 – Os Sinais

No começo, eu ignorei.

Não porque eu não via... mas porque eu não queria ver.

Quando algo parece bom demais pra acabar... a gente aprende a fingir que certas coisas não existem.

Pequenas mudanças começaram a aparecer.

Nada muito evidente.

Nada que, sozinho, fosse motivo pra preocupação.

Mas o suficiente pra criar um desconforto estranho.

Aquele tipo de sensação que não tem explicação lógica... mas insiste em ficar.

A presença já não era exatamente a mesma.

Ainda existia... mas parecia menos constante. Menos intensa.

Como se algo tivesse mudado... mesmo sem ninguém dizer nada.

E o pior é que, por fora... ainda parecia tudo normal.

Conversas continuavam.

Momentos ainda aconteciam.

Mas por dentro... eu comecei a perceber que não era mais igual.

E quando algo muda sem aviso... a gente começa a procurar respostas onde não existem.

Eu me peguei pensando mais do que antes.

Tentando entender detalhes pequenos demais.

Revisitando conversas... procurando algo que justificasse aquela sensação.

Mas não tinha nada concreto.

Só um sentimento crescente de que... algo estava saindo do lugar.

E, mesmo assim... eu continuei.

Porque quando tu já se apegou à ideia de algo... aceitar que aquilo pode estar mudando... é muito mais difícil do que simplesmente ignorar.

Eu escolhi acreditar que era só fase.

Só um momento diferente.

Que tudo voltaria ao normal.

Porque, no fundo... eu ainda queria acreditar que aquele lugar... era seguro pra ficar.

Mas tinha algo que eu não queria admitir:

Às vezes, o primeiro sinal não é a mudança do outro... é o silêncio que começa a crescer dentro de você.

Capítulo 5 – O Silêncio

O silêncio não chegou de uma vez.

Ele foi crescendo.

Devagar... quase imperceptível no início.

Como um espaço que vai surgindo entre uma coisa e outra... até que, quando tu percebe... ele já ocupa tudo.

As conversas começaram a diminuir.

Não de forma brusca... mas diferente.

Mais espaçadas.

Mais curtas.

Menos presentes.

E o que antes fluía naturalmente... começou a exigir esforço.

Eu ainda estava ali.

Tentando manter.

Tentando entender.

Tentando não perder o que, até pouco tempo atrás... parecia tão certo.

Mas tinha algo que não voltava.

E quando algo não volta... a gente começa a sentir antes mesmo de aceitar.

O silêncio não é só a ausência de palavras.

Ele é a presença da dúvida.

É quando tu manda algo... e espera.

E espera mais um pouco.

E, no fundo... já sabe que não vai vir do mesmo jeito.

Eu comecei a sentir falta... não só da pessoa... mas da forma como ela era comigo.

Porque às vezes... a pessoa ainda existe.

Mas o que ela era na tua vida... já não existe mais.

E isso confunde.

Porque não é um fim claro.

Não é uma despedida.

Não é um ponto final.

É só... um vazio que vai tomando o lugar do que antes era cheio.

Eu tentei entender.

Tentei encontrar uma explicação lógica.

Algum motivo.

Algum erro.

Algo que justificasse aquela mudança.

Mas não encontrei.

E talvez esse tenha sido o ponto mais difícil.

Não foi perder.

Foi não entender por que perdi.

Porque quando não tem resposta... a gente começa a se culpar.

A revisar tudo.

A procurar sempre algo que explique o que o outro não quis dizer.

E foi aí que eu percebi:

O silêncio não estava só entre nós.

Ele já estava dentro de mim.

Capítulo 6 – A Queda

Não teve um momento exato.

Não foi uma frase... nem uma despedida.

Foi mais silencioso que isso.

Foi quando eu percebi... que não tinha mais o que esperar.

Eu ainda olhava... ainda esperava... ainda imaginava que, em algum momento, tudo poderia voltar ao que era antes.

Mas, no fundo... eu já sabia.

A gente sempre sabe.

Só demora pra aceitar.

E aceitar... foi a parte mais difícil de toda a viagem.

Porque não era só ir embora de um lugar.

Era ir embora de tudo que eu imaginei que poderia viver ali.

De tudo que eu acreditei.

De tudo que eu senti.

E, principalmente... de quem eu me tornei estando lá.

Eu não perdi só alguém.

Eu perdi uma versão de mim que só existia naquele lugar.

E isso doeu mais do que eu esperava.

Porque o fim não levou só o destino.

Levou tudo que eu construí dentro dele.

Eu me vi tentando segurar... não a pessoa... mas o que aquilo significava.

Mas não tinha como.

Algumas coisas... simplesmente não ficam.

E quanto mais eu tentava entender... mais eu me perdia.

Até que chegou um ponto... em que eu parei de perguntar "por quê?" e comecei a aceitar "acabou".

Sem resposta.

Sem explicação.

Sem fechamento perfeito.

Só... acabou.

E foi ali, no meio desse vazio... que eu percebi que não dava mais pra continuar naquela viagem.

Não porque eu queria ir embora... mas porque não existia mais lugar pra mim ali.

E quando não existe mais lugar... ficar só prolonga a dor.

Então eu fiz o que nunca quis fazer:

Eu comecei a arrumar as malas.

Mesmo com o coração ainda lá dentro.

Capítulo 7 – O Check-in

Arrumar as malas foi difícil.

Mas decidir sair... foi ainda mais.

Porque não era só pegar o que era meu e ir embora.

Era deixar pra trás tudo que eu queria que fosse meu.

Cada lembrança... cada momento... cada sentimento que ainda estava vivo dentro de mim.

Nada disso cabia na bagagem.

E, mesmo assim... eu tive que ir.

O caminho até o aeroporto foi silencioso.

Não tinha mais discussão... não tinha mais tentativa... só um entendimento que doía.

Eu não queria ir embora.

Mas também não tinha mais como ficar.

E às vezes... a vida coloca agente exatamente nesse lugar.

Onde nenhuma escolha é confortável... mas uma delas é necessária.

Quando eu cheguei, parecia estranho.

Como se tudo ainda estivesse ali... mas já não fosse mais pra mim.

As pessoas passando... os voos sendo chamados... tudo seguindo normalmente... enquanto, por dentro... parecia que algo tinha parado.

Eu estava ali... com a passagem na mão... pronto pra seguir... mas ainda com uma parte de mim olhando pra trás.

Não esperando alguém aparecer... mas lembrando do que ficou.

E foi ali que eu entendi algo que eu não queria aceitar:

Nem toda despedida acontece com palavras.

Algumas acontecem nos silêncios... na ausência... na decisão de não voltar.

Eu fiz o check-in.

Mesmo com o coração pesado.

Mesmo sem certeza de como seria depois.

Mesmo ainda sentindo tudo.

Porque, no final... seguir não é sobre estar pronto.

É sobre decidir ir... mesmo quando uma parte de você ainda queria ficar.

Capítulo 8 – O Embarque

O anúncio veio como qualquer outro.

Simples.

Dir et o.

Sem peson nenhum... pra quem não estava vivendo aquilo por dentro.

Mas pra mim... parecia que tudo tinha parado.

Era a chamada.

Não só de um voo... mas de uma decisão que eu já sabia que precisava tomar.

Eu levantei.

Não porque estava pronto... mas porque ficar já não fazia mais sentido.

Dei os primeiros passos... e, pela última vez... olhei pra trás.

Não esperando alguém aparecer.

Não esperando algo mudar.

Só reconhecendo... que aquilo foi real.

Que existiu.

Que teve valor.

E que, mesmo assim... não era mais meu lugar.

E, de alguma forma... isso trouxe uma paz estranha.

Não uma paz completa.

Não uma paz leve.

Mas uma paz honesta.

Daquelas que vêm quando agente para de lutar contra o que já é.

Eu não deixei de sentir.

Não deixei de lembrar.

Não deixei de querer, em algum lugar dentro de mim, que tivesse sido diferente.

Mas, pela primeira vez... eu deixei de tentar mudar o que já não estava mais nas minhas mãos.

E isso foi suficiente pra seguir.

Eu entreguei a passagem.

Passei pelo portão.

E segui.

Não mais como alguém que perdeu... mas como alguém que viveu.

Porque, no final... algumas viagens não são feitas pra durar.

São feitas pra transformar.

E aquela... cumpriu exatamente o seu propósito.

Eu entrei no avião... sentei... e, pela primeira vez em muito tempo... não olhei mais pra trás.

Não porque esqueci... mas porque entendi.

E, com o coração ainda carregando tudo que foi vivido... eu fechei os olhos... e deixei o voo começar.

Epílogo – Depois do Voo

O voo já não me assustava mais.

No começo, tudo parecia estranho.

O silêncio... a ausência... a falta de algo que, por um tempo, foi parte dos meus dias.

Eu ainda lembrava.

Às vezes do nada.

Uma música... um horário... um detalhe qualquer.

E por alguns segundos... eu voltava.

Mas não ficava.

Porque, com o tempo, eu fui entendendo que lembrar não é o mesmo que querer voltar.

Eusegui.

Nãode uma vez só.

Nãode forma perfeita.

Mas segui.

Me reconstruí aos poucos... sem pressa... sem tentar substituir o que foi... mas também sem ficar preso ao que não é mais.

Houve um dia... em que eu percebi que já não esperava mais.

Não por falta de sentimento... mas por entendimento.

E foi nesse dia que eu entendi algo que, antes, eu não conseguiria aceitar:

Nem todo destino é feito pra ser revisitado.

Alguns existem só pra te ensinar o caminho... e depois desaparecer do mapa.

Ainda existe carinho.

Ainda existe respeito.

Talvez até um tipo de amor... mas já não existe mais a necessidade de estar lá.

E isso... não dói mais como antes.

Porque hoje eu sei: aquela viagem não terminou em perda.

Terminou em crescimento.

Eu não voltei.

E, pela primeira vez... eu também não senti falta de ter ficado.

E, se um dia nossos caminhos se cruzarem de novo... eu espero reconhecer você... não como alguém que eu perdi... mas como alguém que fez parte de quem eu me tornei.